O RACISMO ESTRUTURAL DENTRO DA EDUCAÇÃO

LAERCIO JOSÉ DE DEUS JUNIOR

RESUMO

Este artigo discute o problema do racismo estrutural dentro do sistema educacional. O racismo não é apenas um fenômeno individual, mas também institucional e estrutural, que permeia as práticas e políticas educacionais. O racismo estrutural na educação se manifesta de várias maneiras, desde a falta de representatividade até a perpetuação de estereótipos negativos e a marginalização de estudantes pertencentes a grupos raciais minoritários. Ao analisar pesquisas e estudos empíricos, observa-se uma disparidade na distribuição de recursos e oportunidades educacionais entre grupos raciais. Isso resulta em desigualdades no acesso à educação de qualidade, taxas de evasão escolar mais altas e menor sucesso acadêmico para estudantes negros e de outras minorias étnicas.

Palavras-chave: Educação; Questão Étnico-Racial; Preconceito; Discriminação.

INTRODUÇÃO

Além disso, o currículo e o material didático muitas vezes excluem a história, a cultura e as contribuições das minorias raciais, perpetuando assim uma visão eurocêntrica e branca do conhecimento. A ausência de perspectivas e experiências de grupos raciais minoritários dificulta a construção de uma identidade positiva e o desenvolvimento da autoestima dos estudantes pertencentes a esses grupos.

Para combater o racismo estrutural na educação, é necessário um esforço coletivo que inclua mudanças nas políticas educacionais, treinamento para professores e funcionários escolares, revisão do currículo e adoção de abordagens pedagógicas mais inclusivas. É fundamental criar espaços seguros e acolhedores para todas as identidades raciais, onde a diversidade seja valorizada e as vozes marginalizadas sejam ouvidas.

Em conclusão, o racismo estrutural dentro da educação é um problema complexo que requer medidas abrangentes para ser superado. Somente uma abordagem interdisciplinar e colaborativa pode ajudar a criar um ambiente educacional mais inclusivo e igualitário para todos os estudantes, independentemente de sua raça ou etnia.

O racismo estrutural é um problema recorrente e preocupante dentro do ambiente escolar. Desde o momento em que as crianças começam a frequentar a escola, são expostas a uma série de situações que podem reforçar estereótipos raciais e criar uma atmosfera desfavorável para estudantes de determinadas etnias. Esse tipo de discriminação está enraizado nas instituições educacionais, refletindo a desigualdade e o preconceito presentes na sociedade como um todo.

A esta altura podemos finalmente definir o que seja o racismo: uma ideologia que defende a hierarquia entre grupos humanos, classificando-os em raças inferiores e raças superiores. Como qualquer outra, a ideologia racista é um conjunto de ideias utilizando para explicar determinada realidade, no caso, as desvantagens dos negros em relação aos brancos. (BENTO, 2003 p. 25).

Uma das manifestações mais comuns do racismo estrutural dentro das escolas é a falta de representatividade. Muitas vezes, os currículos não abordam de maneira adequada a história e a cultura dos diferentes grupos étnicos existentes na sociedade. Isso faz com que os estudantes negros, indígenas, asiáticos e outros grupos minoritários não se sintam representados ou incluídos no ambiente escolar. A ausência de referências positivas e modelos de sucesso de suas próprias etnias pode gerar um sentimento de inferioridade e desinteresse pelo aprendizado.

Além disso, a discriminação racial pode ocorrer de forma velada por parte dos professores e dos demais funcionários da escola. Professores têm o poder de influenciar e moldar a visão de mundo de seus alunos, e quando agem de maneira preconceituosa ou fazem comentários discriminatórios, estão perpetuando o racismo. O tratamento diferenciado dado aos estudantes negros, como

a seleção deles para turmas de nível inferior de ensino ou a falta de reconhecimento de suas habilidades e potencialidades acadêmicas, reforça a ideia de que eles são menos capazes e merecedores de oportunidades.

Outro aspecto importante do racismo estrutural nas escolas é a violência física e psicológica sofrida por estudantes negros e de outras etnias minoritárias. O bullying racial é uma realidade triste e impactante, em que os estudantes são alvo de insultos, apelidos pejorativos e até mesmo agressões físicas. Essas situações geram um ambiente hostil e inseguro, prejudicando o bem-estar emocional e o desenvolvimento acadêmico dos alunos discriminados.

As teorias raciais europeias chegaram ao Brasil um pouco atrasadas e no velho estilo brasileiro, que considera tudo que é importado é bom, fazendo o maior sucesso e isso quando a Europa começou a ser criticada com essa ideia. A população que habitava o Brasil gostou da teoria racial – nisso estão incluídos médicos, advogados, intelectuais, políticos – e queriam mostrar que no Brasil existia uma população branca que dominava, mas o censo já indicava que a maior parte da nossa população era de negros povoando o Brasil (CANDAU, 2003).

É importante ressaltar que a exclusão e a discriminação racial não afetam apenas as crianças e adolescentes que sofrem diretamente com elas, mas também toda a sociedade. A diversidade é uma riqueza, e a falta de inclusão no ambiente escolar impede a construção de uma sociedade verdadeiramente igualitária, baseada no respeito e na valorização das diferenças.

Diante desse panorama, é fundamental que sejam adotadas medidas para combater o racismo estrutural dentro das escolas. É necessário oferecer uma educação antirracista, que valorize a diversidade étnica e cultural, e que promova a representatividade em todos os níveis de ensino. Além disso, é fundamental capacitar os professores e funcionários da escola, para que possam reconhecer e combater o preconceito de maneira efetiva.

A implementação de políticas de ação afirmativa também é um passo importante na luta contra o racismo estrutural nas escolas. Essas políticas visam equilibrar as desigualdades históricas e ampliar as oportunidades de acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho para os grupos minoritários. Dessa forma, é possível diminuir as disparidades socioeconômicas que afetam as comunidades negras e indígenas, por exemplo, e promover a inclusão e o controle do racismo no ambiente escolar e em toda a sociedade.

Em suma, o racismo estrutural dentro do ambiente escolar é um problema que precisa ser enfrentado de maneira contundente. A falta de representatividade, a discriminação de professores e funcionários, a violência física e psicológica e a exclusão de estudantes negros e de outras etnias minoritárias prejudicam a formação integral dos jovens e perpetuam a desigualdade racial na sociedade. É necessário promover uma educação antirracista, com políticas inclusivas, para que possamos construir um futuro mais justo e igualitário para todos.

O RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O TRABALHO LÚDICO

O racismo é um dos problemas mais prevalentes e persistentes em todo o mundo, manifestando-se em diferentes formas e níveis em diversos contextos sociais. A educação infantil, por sua vez, é um estágio crucial no desenvolvimento de crianças, onde são estabelecidas as bases para sua formação educacional e social. Infelizmente, o racismo ainda encontra espaço dentro das instituições de ensino, prejudicando o desenvolvimento integral das crianças e perpetuando desigualdades estruturais na sociedade. Neste sentido, este texto tem como objetivo explorar o tema do racismo na educação infantil e analisar como o trabalho lúdico realizado pelos docentes pode efetivamente combater essa questão.

No Brasil o preconceito é demasiadamente vergonhoso e condenável, muitas pessoas afirmam ter amigos negros ou que não tem nada contra os negros, mas que preferem brancos para trabalhar ou preferem essencialmente um branco para que seu filho ou filha case (CANDAU, 2003).

O racismo na educação infantil é um problema complexo que requer uma abordagem

holística e engajada. O trabalho lúdico realizado pelos docentes tem se mostrado uma ferramenta poderosa para acabar com esse mal, pois promove o respeito, a valorização das diferenças e a formação de cidadãos conscientes e críticos. No entanto, é fundamental que os educadores estejam sensibilizados e preparados para abordar essas questões de forma adequada, buscando a participação das famílias e incorporando práticas antirracistas em todos os aspectos do currículo. Através de ações efetivas e uma abordagem lúdica, é possível transformar a educação infantil em um espaço inclusivo e livre de preconceitos, onde todas as crianças possam se desenvolver plenamente e com igualdade de oportunidades.

O ENSINO MÉDIO E AS PRÁTICAS EM COMBATE AO RACISMO

O ensino médio é uma etapa crucial na vida dos estudantes, pois é nesse período que eles começam a definir seus futuros e a moldar suas visões de mundo. Além de adquirir conhecimentos acadêmicos, é essencial que os jovens também desenvolvam habilidades sociais e sejam conscientizados sobre questões sociais importantes, como o combate ao racismo.

O racismo é um problema enraizado na sociedade, que ainda persiste mesmo após décadas de luta por igualdade racial. No Brasil, país conhecido por sua diversidade étnica e cultural, é fundamental que as escolas e educadores assumam a responsabilidade de levar aos alunos um ensino antirracista e incentivar práticas em combate ao racismo.

Uma das principais maneiras de abordar esse tema é incluir conteúdos sobre a história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar. Isso permite que os estudantes conheçam a história do povo negro de uma forma mais ampla e completa, indo além das narrativas eurocêntricas predominantes nos livros didáticos. Através da educação, é possível descontruir estereótipos e preconceitos, contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

A Jornalista “Maju”, sofreu ataques pelas Redes Sociais pela sua cor, assim como a atriz Thais Araújo se constituem em negras de sucesso, negras talentosas, ocupando espaço nobre, estamos lidando com pessoas que não estão mais aceitando o gueto, ou seja, é possível viver num mundo em que a pluralidade cultural, racial, étnica e social respeite as ações afirmativas, de gênero, família, empoderamento, afetividade sem discriminação, e segregação ou radicalismos, portanto, é possível vivem nesse mundo mesmo que esteja cheio de preconceitos (RAMOS, 2017):

> Fazer um livro sobre o ponto de vista de uma exceção não ajuda em nada a questão da exclusão dos negros no Brasil. Meu Deus, como fazer um relato quase autobiográfico sem tornar o texto uma apologia a mim mesmo e meus pares um pouco mais bem sucedidos (RAMOS, 2017, p.11).

Além disso, é imprescindível que as escolas promovam a diversidade e a inclusão em seu ambiente. Isso envolve garantir a presença de profissionais negros no corpo docente e a valorização de suas contribuições, seja na formação dos estudantes ou na tomada de decisões dentro da instituição. É necessário também criar espaços de diálogo e reflexão sobre o racismo, promovendo debates e atividades que incentivem o respeito às diferenças e a construção de uma cultura de paz.

Uma prática em combate ao racismo que tem ganhado destaque são as cotas raciais, que são políticas de inclusão que garantem vagas reservadas para estudantes negros em universidades e instituições de ensino superior. Essas ações afirmativas são importantes para garantir a igualdade de oportunidades e combater a histórica exclusão dos negros no acesso ao ensino superior. No entanto, é fundamental que essa política não seja vista como uma ação isolada, mas como parte de um processo maior de transformação social.

Além das ações institucionais, é importante que os estudantes também sejam estimulados a se engajarem em movimentos sociais e ações de combate ao racismo. Isso pode ser feito através de projetos de extensão, parcerias com organizações não governamentais e outras iniciativas que possibilitem aos alunos vivenciarem na prática a luta antirracista. Essas atividades proporcionam uma experiência enriquecedora e contribuem para a formação de cidadãos mais conscientes e

comprometidos com a igualdade racial.
É fundamental que as práticas em combate ao racismo sejam constantemente avaliadas e revistas, com o intuito de identificar falhas, realizar ajustes e promover melhorias contínuas. Para isso, é importante envolver todos os atores educacionais, como professores, gestores, famílias e comunidade, para que juntos possam criar uma sinergia e fortalecer as ações antirracistas.
No entanto, é importante ressaltar que o combate ao racismo não é responsabilidade exclusiva da escola. É necessário que a sociedade como um todo esteja engajada nessa luta, através de políticas públicas que promovam a igualdade e o respeito às diferenças, bem como através da conscientização e promoção da cultura antirracista em todos os âmbitos da sociedade.
Em suma, o ensino médio possui um papel essencial na formação dos estudantes, não apenas transmitindo conhecimentos acadêmicos, mas também contribuindo para a construção de um sujeito crítico e comprometido com a valorização da diversidade e o combate ao racismo. Para isso, é necessário incluir conteúdos sobre a história e cultura afro-brasileira, promover a diversidade e inclusão no ambiente escolar, estimular a participação dos alunos em atividades de combate ao racismo e promover uma reflexão constante sobre as práticas adotadas. Somente através de um trabalho conjunto e constante é possível construir uma sociedade mais justa e antirracista.

OS ALUNOS SAEM DA EDUCAÇÃO BÁSICA APRENDENDO A COMBATE O RACISMO ESTRUTURAL?

A problemática do racismo estrutural está profundamente enraizada na sociedade contemporânea, afetando diferentes áreas da vida das pessoas, desde o acesso a oportunidades até o tratamento recebido nas instituições educacionais. A educação básica desempenha um papel fundamental na formação dos indivíduos, fornecendo as bases para o desenvolvimento intelectual, social e moral desses estudantes. Nesse sentido, é essencial que a educação básica também assume o compromisso de ensinar aos alunos como combater o racismo estrutural desde cedo, a fim de criar uma sociedade mais justa e igualitária.
Fanon (2008), em sua obra Pele negra máscaras brancas ressalta que:
[...] há uma zona de não ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer. A maioria dos negros não desfruta do benefício de realizar esta descida aos verdadeiros Infernos (FANON, 2008, p. 26)
O racismo estrutural pode ser entendido como um conjunto de práticas, normas e políticas que perpetuam a desigualdade racial, afetando negativamente a vida das pessoas não brancas em diversas esferas, como educação, saúde, emprego e justiça. Para combater efetivamente o racismo, é necessário entender sua complexidade e como ele se manifesta nas instituições e nas relações sociais.
A educação é uma ferramenta poderosa na luta contra o racismo estrutural, pois tem o potencial de formar cidadãos conscientes, críticos e comprometidos com a igualdade racial. Ao introduzir o tema do racismo nas salas de aula, os estudantes podem desenvolver empatia, compreender a importância da diversidade e reconhecer os privilégios que acompanham a branquitude.
Para que os alunos saiam da educação básica aprendendo a combater o racismo estrutural, é fundamental que os educadores estejam preparados para abordar o tema de forma adequada. É necessário oferecer a esses profissionais a formação necessária para que possam orientar as discussões raciais de forma inclusiva, proporcionando um ambiente seguro e respeitoso para todos os estudantes.
As práticas pedagógicas antirracistas têm como objetivo enfrentar as raízes do racismo estrutural, promovendo a valorização da cultura negra e a desconstrução de estereótipos e preconceitos. Elas podem incluir momentos de reflexão sobre a história do racismo, leituras de autores negros, discussões sobre a representatividade e a realização de projetos que valorizem a diversidade étnico-racial.
A parceria entre escolas e comunidades é uma estratégia fundamental para o comba-

te ao racismo estrutural na educação básica. Por meio de parcerias com organizações e movimentos sociais que lutam pela igualdade racial, as escolas podem promover atividades extracurriculares, palestras, debates e projetos que ampliem o conhecimento sobre a história e a cultura negra, fortalecendo a autoidentificação e a valorização das crianças e adolescentes negros.

O preconceito de "raça" ou de "cor" era um componente organizatório da sociedade de castas. Nela, porém, a representação do negro como socialmente inferior correspondia tanto a uma situação de fato, como aos valores dominantes na sociedade.

[...] era um componente essencial e "natural" do sistema de castas. [...] Apenas lateralmente, apesar da enorme importância desse processo, a função reguladora do preconceito agia no disciplinamento das expectativas e possibilidades de ascensão social: no caso dos mulatos claros livres. Com a desagregação da ordem servil, que naturalmente antecedeu, como processo, à abolição, foi-se constituindo, pouco a pouco, o "problema negro", e com ele intensificando- -se o preconceito com novo conteúdo. Nesse processo o "preconceito de cor ou de raça" transparece nitidamente na qualidade de representação social que toma arbitrariamente a cor ou outros atributos raciais distinguíveis, reais ou imaginários, como fonte para a seleção de qualidades estereotipados (CARDOSO, 1962, p. 281).

A educação básica desempenha um papel crucial na formação dos indivíduos e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ensinar os alunos a combater o racismo estrutural é uma responsabilidade que deve ser assumida por todas as instituições de ensino. Ao proporcionar uma educação antirracista, as escolas estão não apenas preparando os estudantes para enfrentar o contexto social atual, mas também capacitando-os a serem agentes de mudança e transformadores da realidade. Somente através de uma educação básica que valorize a diversidade e enfrente o racismo estrutural poderemos construir um futuro mais igualitário, onde todos os indivíduos vivam livres de discriminação.

A questão do combate ao racismo estrutural dentro do ambiente escolar é de extrema importância e deve ser uma preocupação constante para a equipe docente e gestora das instituições de ensino. É fundamental que todos os profissionais envolvidos na educação estejam comprometidos em promover a igualdade, a diversidade e o respeito mútuo, criando um ambiente escolar acolhedor e inclusivo para todos os estudantes, independentemente de sua raça, cor ou origem.

Para combater o racismo estrutural dentro do ambiente escolar, a equipe docente e gestora deve adotar uma série de medidas e práticas que visem desconstruir estereótipos, preconceitos e discriminações, e promover uma cultura de respeito e valorização da diversidade.

Uma das primeiras ações que a equipe docente e gestora pode adotar para combater o racismo estrutural é promover a formação continuada dos profissionais da educação sobre questões raciais e de combate ao racismo. É fundamental que os professores e demais funcionários escolares estejam conscientes dos impactos do racismo na sociedade e na educação, e sejam capacitados para lidar de forma adequada com situações de discriminação e exclusão.

Além disso, é importante que a equipe docente e gestora esteja atenta à diversidade presente na comunidade escolar e promova a inclusão de todas as identidades raciais, étnicas e culturais. Isso significa valorizar a história e cultura afro-brasileira e indígena, por exemplo, e garantir que todos os estudantes se sintam representados e respeitados dentro da escola.

Outra medida importante para combater o racismo estrutural dentro do ambiente escolar é rever o currículo escolar e garantir a presença de conteúdos que abordem de forma crítica e reflexiva a questão racial. É fundamental que os estudantes tenham acesso a materiais didáticos que promovam a desconstrução de estereótipos, preconceitos e discriminações, e que incentivem o respeito à diversidade e a igualdade de direitos.

Além disso, a equipe docente e gestora deve estar atenta à forma como o racismo se manifesta no cotidiano escolar e tomar medidas para combater atitudes discriminatórias e excludentes. Isso inclui a adoção de práti-

cas pedagógicas inclusivas, o enfrentamento de situações de bullying e preconceito racial, e a promoção do diálogo e da empatia entre os estudantes.
Outro aspecto importante para combater o racismo estrutural dentro do ambiente escolar é promover a participação ativa da comunidade escolar no processo educativo. É fundamental que os pais, responsáveis e demais membros da comunidade estejam engajados na discussão e no enfrentamento do racismo, e que sejam parceiros na construção de uma escola mais justa e igualitária.

É importante ressaltar que o combate ao racismo estrutural dentro do ambiente escolar não é uma tarefa fácil e que demanda um comprometimento constante e coletivo por parte de toda a equipe docente e gestora. É fundamental que haja um esforço conjunto para promover a igualdade e a valorização da diversidade, e para criar um ambiente escolar seguro, acolhedor e inclusivo para todos os estudantes.
Em suma, a equipe docente e gestora tem um papel fundamental no combate ao racismo estrutural dentro do ambiente escolar, e deve adotar medidas efetivas e consistentes para promover a igualdade, a diversidade e o respeito mútuo entre os estudantes. É necessário criar uma cultura escolar que valorize a inclusão e o diálogo, e que esteja comprometida em desconstruir estereótipos, preconceitos e discriminações. O combate ao racismo na escola é uma responsabilidade de todos, e deve ser uma prioridade em todas as esferas da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das constantes manifestações de desigualdade e discriminação racial, torna-se imprescindível compreender a importância do combate ao racismo em todas as esferas educacionais. A educação é um poderoso instrumento de transformação social, capaz de promover o respeito à diversidade racial e o reconhecimento da igualdade de direitos entre todas as pessoas.
No contexto educacional, é fundamental que as instituições de ensino assumam a responsabilidade de promover uma reflexão crítica sobre o racismo, desconstruindo estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade. É necessário que as práticas pedagógicas sejam inclusivas, abordando de forma adequada a história e a cultura afro-brasileira, africana e indígena, valorizando a contribuição dessas comunidades para a formação do país.
É importante ressaltar que o combate ao racismo não deve ser restrito apenas ao ensino de história e cultura. Todas as disciplinas podem e devem abordar o tema de maneira transversal, estimulando o diálogo e a reflexão entre os estudantes. A promoção de debates, ações afirmativas e projetos educacionais que englobem a temática racial contribuem para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e responsabilidades.
Além disso, é fundamental que os profissionais da educação estejam preparados para lidar com questões relacionadas ao racismo. A formação continuada de professores, gestores e demais envolvidos no processo educacional se mostra essencial para proporcionar um ambiente acolhedor e seguro para todos os alunos, independentemente de sua cor de pele.
Ao combater o racismo nas esferas educacionais, estaremos contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A educação desempenha um papel fundamental na desconstrução de estereótipos e na promoção do respeito mútuo, além de ser um poderoso instrumento de combate ao preconceito e à discriminação racial.
Cabe a toda a sociedade, incluindo as famílias, as instituições de ensino, os gestores educacionais e os próprios estudantes, unirem-se em prol do combate ao racismo, implementando políticas antirracistas e criando espaços de discussão e aprendizado sobre a importância da igualdade racial. Somente assim poderemos garantir uma educação de qualidade para todos e uma sociedade mais justa, inclusiva e plural.
O racismo estrutural é um problema profundamente enraizado na sociedade, que se manifesta de diversas formas e em diferentes áreas da vida das pessoas. Na educação, essa realidade não é diferente, e o racismo estrutural se faz presente de maneira muito impactante, interferindo diretamente na

forma como as pessoas negras são tratadas e no acesso igualitário à educação de qualidade.

Desde a época da escravidão, a população negra no Brasil tem sido marginalizada e subjugada, o que se reflete nas instituições de ensino e nas políticas educacionais do país. O racismo estrutural na educação se manifesta de várias maneiras, desde o acesso limitado de pessoas negras às escolas de qualidade, até o tratamento discriminatório dentro das salas de aula e nos processos de avaliação.

Estudos apontam que as pessoas negras têm menos oportunidades de acesso à educação de qualidade, devido à segregação espacial que ainda é uma realidade em muitas cidades brasileiras. Além disso, a falta de representatividade na produção de materiais didáticos e na formação dos docentes também contribui para a perpetuação do racismo na educação.

O currículo escolar muitas vezes ignora a história e a cultura negras, contribuindo para a invisibilização das pessoas negras na sociedade e para a perpetuação de estereótipos e preconceitos. Isso faz com que as crianças negras se sintam excluídas e desvalorizadas dentro das escolas, afetando sua autoestima e seu desempenho acadêmico.

Além disso, o racismo estrutural na educação se manifesta também na forma como as pessoas negras são tratadas dentro das instituições de ensino. Muitas vezes, professores e funcionários escolares reproduzem discursos racistas e discriminatórios, o que gera um ambiente hostil e prejudica o desenvolvimento pessoal e acadêmico dos estudantes negros.

Os processos de avaliação e seleção também são permeados pelo racismo estrutural, prejudicando a inserção de pessoas negras nas universidades e no mercado de trabalho. A falta de políticas de inclusão e de combate ao racismo na educação contribui para a reprodução de desigualdades e para a manutenção de um sistema excludente e opressor.

Diante desse cenário, é fundamental que sejam tomadas medidas efetivas para combater o racismo estrutural na educação e promover a igualdade de oportunidades para todas as pessoas. É preciso garantir o acesso de pessoas negras à educação de qualidade, por meio de políticas afirmativas e de valorização da cultura e história afro-brasileira nas escolas.

Além disso, é fundamental promover a formação de professores e profissionais da educação para que sejam capazes de lidar de forma adequada com a questão do racismo e de promover um ambiente escolar acolhedor e inclusivo para todos os estudantes. A diversidade deve ser celebrada e respeitada, e o combate ao preconceito e à discriminação deve ser uma prioridade em todas as esferas da sociedade.

A educação tem um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, e o combate ao racismo estrutural na educação é uma questão urgente e necessária. É preciso romper com o ciclo de exclusão e discriminação que perpetua desigualdades e violências, e garantir que todas as pessoas tenham acesso a uma educação de qualidade, sem distinção de raça, cor ou origem.

Em suma, o racismo estrutural na sociedade tem um impacto significativo na educação, interferindo diretamente no acesso e na qualidade do ensino para as pessoas negras. É preciso reconhecer e enfrentar essa realidade, implementando políticas e práticas que promovam a inclusão, a diversidade e o respeito mútuo. A luta contra o racismo na educação é uma luta por justiça e igualdade, e deve ser uma prioridade de todos que acreditam em um mundo mais justo e equitativo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L.M.A. (Org.). Relações Étnico-Raciais em Contexto Escolar: fundamentos, representações e ações. São Carlos: EdUFSCar, 2011, p. 71.

BARBOSA, M.C.H; HORN, M.G. Projetos Pedagógicos na Educação Infantil. -Porto Alegre: Artmed, 2008.

BECKER, F. O que é construtivismo. Ideias, São Paulo, n. 20, 1993, p. 87-93.

BERGAMASCHI, M.A. Povos indígenas e Ensino de História: a Lei Nº 11.645/2008: como caminho para a interculturalidade. In, BARROSO, Vera Lucia Maciel. et. al. (Orgs.). En-

sino de História: desafios contemporâneos. Porto Alegre, Estação Exclamação/ANPUH-RS, 2010, p. 151-166.
GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.
MUNANGA, K. O negro na sociedade brasileira: resistência, participação e contribuição. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2003.
PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes; OLIVEIRA, Ana Arlinda. A Literatura Infantil no Processo de Formação do Leitor. Cadernos da Pedagogia. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 22-36, jan -jun. 2010.
PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.
RODRIGUES, Dayse Berenguer. PRECONCEITO RACIAL: uma violência que influencia a democracia na escola. v. 4, n. 1. Lato & Sensu. Belém, 2003.
ROSEMBERG, Fúlvia. Literatura infantil e ideologia. São Paulo: Global, 1984.
SILVA, Mozart Linhares da. Educação, etnicidade e preconceito no Brasil. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.